

Habemus Natália Correia: a unidade espiritual, num mundo em demanda

Habemus Natália Correia: spiritual unity, in a world in demand

Cristina de Jesus Espiguiinha Dias¹

Universidade de Évora
cjede1@gmail.com

Palavras-chave: unidade, esoterismo, Espírito Santo, espiritual, fraternidade, paz.
Keywords: unity, esotericism, Holy Spirit, spiritual, brotherhood, peace.

Excelente dia para todos os participantes, extensivo a todos os elementos da comissão organizativa e ao público em geral. Um enorme agradecimento pela extraordinária oportunidade que me foi concedida, ao permitir explorar a técnica de escrita e o pensamento, profusamente reflexivo, de Natália Correia.

Começamos a nossa preleção por uma introdução biográfica da autora portuguesa, supracitada. Escritora nascida na Fajã de Baixo, S. Miguel -Açores, no dia 13 de setembro de 1923. Passou a sua infância rodeada de figuras *sui generis*, como as suas tias maternas e o tio, padre, por via paterna, que apesar dos esforços, não conseguiu influenciar a autora para a religiosidade cristã, uniformizada e monoteísta. Aquela deu preferência ao cumulativo de várias religiões, apreciando diversas divindades da mitologia grega. Esta predileção dependeu da forte influência que a mãe, Maria José, teve sobre si, especialmente nas leituras diárias da mitologia grega, que esta fazia, para deleite das suas duas filhas: Natália e Carmem. Os deuses iriam povoar a imaginação das duas crianças, movimentando a sua capacidade criativa. Mais tarde, Natália Correia comprovaria a sua preferência pelos deuses, em detrimento de um único deus católico, quando afirmou, numa demonstração de fraternidade e unidade:

Os deuses só nos pedem que estejamos na vida com a mesma naturalidade com que as flores estão na haste. Os homens só serão unidos quando acreditarem em todos os deuses. Mais importante do que eles existirem é acreditarmos neles².

¹ Doutoranda. Orientador: Professor Doutor António Cândido Franco.

² Natália Correia "A natalidade de Natália". *Jornal Público, Revista Pública*, 79, 10/11/1996.

A figura materna viria a transformar-se num polo insuperável de organização do pensamento crítico de Natália Correia, sobretudo por ter tido a visão de afastar-se da limitação espacial, que uma qualquer ilha comporta, e os Açores, eram, na época, extremamente conservadores. Decidiu partir para Lisboa, na companhia das suas filhas, no ano de 1934. Na capital, a autora procura continuar os seus estudos liceais, mas atreita a normativas, prefere completar a sua aprendizagem escolar, em casa, sob a organização da sua própria mãe, que era professora primária, e de um conjunto de intelectuais que iriam frequentar recorrentemente a casa da mãe de Natália Correia e, posteriormente, da própria autora, na rua Rodrigues Sampaio, nº 52, como a maioria de vós, terá certamente conhecimento, tornando-se um local de celebração, de convívio e especialmente, de movimentação contrária ao regime ditatorial salazarista, instalado e para durar. As personalidades que mais se destacaram, foram: Almada Negreiros, Vitorino Nemésio, David Mourão-Ferreira. Para além destas figuras reconhecidas, outras teriam a sua importância na vida social de Natália Correia, nomeadamente, todas aquelas que estiveram ligadas à cultura e à política.

Com Almada Negreiros, Natália viria a estabelecer uma ligação de amizade bastante estreita e com importante influência na sua escrita. Retenhamos, por exemplo, as palavras de Almada, na carta encontrada no espólio da autora: “[...] No mundo atual tudo é remanescente, só vivem as origens. Por outras palavras: não façamos opinião nossa com meios caminhos. Gastemos sinceridade depressa para atingirmos a nascente”³. Percebemos como o remetente incute na recetora uma ideia de caminho face à unidade, ao início de tudo, para providenciar a verdadeira existência, ou, por outras palavras, a prefigurar a necessidade de explorar todas as hipóteses *per si*, nunca aceitando o trilho incompleto e irresponsável, porque redutor. Prevê-se, aqui, a recorrência ao passado para projetar o futuro, sem desmerecer o presente. Natália Correia potenciaria este recurso à origem, no conjunto da sua obra, seja no exponencial poético, que a maioria de vós conhece, como também na expressão narrativa e dramatúrgica, que a autora nos legou.

A propósito ainda de Almada Negreiros, a autora, escreveu um pequeno texto, ainda inédito, intitulado “Querido Mestre” (titulação bastante efusiva da importância que o autor assumiria para Natália Correia), onde nos revela a marca de pureza, de originalidade de Almada, que potenciou o recurso ao princípio dos tempos, para recordar a formação do mundo e conseqüentemente de Portugal, a criticar, simultaneamente, a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, desvirtuando a sua identidade:

Ah! Por certo vens lembrar a estas gentes imbecilmente alinhadas na bicha para a CEE, o cerúleo mediterrânico que lhes banha as raízes. Entre os ventos marinhos que às areias do Tejo impeliram as velas redondas e os cavalos que correm pela tua campina ribatejana não te foi consentida a civilidade urbana de perdeser a memória. E assim te quedaste num tempo puro de obras veridicamente trabalhadas pelo

³ NC 1843 BPARPD – Carta de Almada Negreiros para Natália Correia – 27_5_56

cinzel e pelas tintas que os Povos do Mar trouxeram às areias lusitanas. E assim nos confessas que a tua arte é o dom de acordar os ecos da memória⁴.

Outro escritor, professor e profuso comunicador, Vitorino Nemésio, viria a influenciar positivamente o pensamento nataliano, e, tal como Almada Negreiros, que anteriormente destacámos, tornar-se-ia um dos mestres de Natália Correia. Também se estabeleceu larga correspondência entre os dois intelectuais, a denotar uma constante marca de reciprocidade de saberes, e, de igual modo, a movimentar a reflexão nataliana. A 14 de outubro de 1972, Vitorino Nemésio escreveu à autora e expressou: “[...] pensei muito em si como génio das «formas aladas» – ora rindo ora chorando pela semelhança rítmica de uma linda nora – régisseur da pista consigo – semelhança ao mesmo tempo flagrante e inverosímil. Enfim, uma coisa, uma situação que só você pode entender com seu astral equilíbrio. [...]”⁵. Entendemos, neste pequeno excerto, como Nemésio reconhece o valor esotérico da sabedoria de Natália, e, ao mesmo tempo, revela a sua orientação para a harmonia dos pares contrários. Eis como a unidade espiritual da autora se constrói, passo a passo.

Natália Correia viria a prestar homenagem a Vitorino Nemésio, com a palestra “Arquipélago e unidade na obra de Vitorino Nemésio”, organizada, na Casa dos Açores, a 29 de junho de 1977. Destacamos o seguinte excerto, porque demonstrativo da ideia de unidade, conciliação de elementos previsivelmente díspares: “[...] Não é simultaneamente o ilhéu universalista por tentação do além-mar, que o sufoca e o faz andarilho do mundo, e regionalista e arcaizante pela densidade de tradições que a contenção do meio mantém vivas?”⁶. Renova-se a intenção da autora em marcar espacialmente a formação da unidade do seu espírito, construído em volta de conhecimento adquirido autodidaticamente e por influência de diversos intelectuais portugueses e estrangeiros.

David Mourão-Ferreira viria a tornar-se num bom amigo de Natália Correia, sobretudo quando se assumiu indefetível da sua escrita e personalidade pública, no momento em que a autora teve a coragem de reunir diversos textos eróticos e satíricos, na coletânea intitulada *Antologia da poesia portuguesa erótica e satírica*, de 1966, de imediato retirada de circulação pelos serviços censórios do Estado. Aquele viria a escrever em nota prévia à obra supracitada, revelando o valor inestimável do trabalho de Natália Correia:

[...] foi um arrojado empreendimento de Natália Correia, levando-os (a ela, ao seu editor e outras pessoas) a ser condenados em Tribunal Plenário. [...] Como é possível que uma Antologia como esta ainda não tivesse sido realizada? [...] ninguém melhor do que Natália Correia – com a profundidade e com a extensão da sua cultura, com a indiscutível garantia do seu génio poético, com as provas exemplares da sua coragem cívica – poderia superiormente desempenhar-se desta empresa [...]. (VV.AA., 2008, pp. 9-10)

⁴ NC 3147 BPARPD, pp. 3-4.

⁵ NC 1848 BPARPD – Carta de Vitorino Nemésio para NC 14_10_1972

⁶ NC 5840 BPARPD, p. 2

Estabelecer-se-ia um relacionamento bastante efusivo entre todas as partes, a permitir o desenvolvimento de uma capacidade de estudo e trabalho de escrita diários e com marcação temporal bem notória. Diga-se, a propósito, que a vida de Natália Correia se estruturou em volta de uma apreensão de conteúdos dispersos, sobre as mais diversas temáticas, para facilitar a composição da sua sabedoria. A escritora promoveu uma persistente imagem de retorno ao passado, especificamente clássico, como havíamos anteriormente salientado, não só devido à expressa influência materna, mas preferentemente pela sua pronunciada vertente de conceção de uma marcada vivência ideal. Esta resultaria, de facto, na notação literária e não literária do processo de escrita empreendido por Natália Correia, desde da sua juventude, pois nesta surgiriam as obras em prosa, a par dos primeiros poemas. Referimo-nos, especificamente, à década de 40 do século XX, sob regime ditatorial de António de Oliveira Salazar. Estes textos refletem já o pendor espiritual de Natália Correia. Destacamos o primeiro poema: “Manhã Cinzenta”, incluído no jornal *Portugal, Madeira e Açores*, editado em abril de 1946:

Ai madrugada pálida e sombria
em que deixei a terra de meus pais...
e aquele adeus que a voz do mar trazia
dum lenço branco, a acenar no cais...

O meu veleiro – era de espuma fria –
levava-o o fervor dos vendavais.
À passagem gritavam-me: onde vais?
Mas só o meu veleiro respondia.

Cruzei o mar em direções diferentes.
Por quantas terras fui, por quantas gentes,
nesta longa viagem que não finda.

Só uma estrada resta – mais nenhuma:
na Ilha que o passado envolve em bruma,
um lenço branco me acena ainda... (Correia, 2000, p. 38)

O sujeito poético, numa verdadeira associação ao autor textual, que Natália Correia comporta, denota-nos a persistência da unidade, na cruzada que estabelece face ao futuro, merecendo a saudade de um passado que ficou atrás, na envolvente da ilha materna. Concorre, simultaneamente, para a refutação da falta de liberdade e da inconstância necessária ao ato criativo. Como escritora, Natália não se cinge apenas à poesia, pois irá construir um império literário investido também pela prosa, com obras que merecem denodado destaque pela sua procura de unidade. Recordemos, a título de exemplo, *Anoiteceu no Bairro*, de 1946, onde a autora nos revela a existência plena do ser humano, no confronto diário entre homem e mulher, na direção da unidade do espírito, consonante e andrógino, onde o preconceito deve perder vigor, para reforçar os elementos mátrios, de intrusão entre valores femininos e masculinos, sem distinções. Esta indiferenciação de género, virá a corresponder ao verdadeiro anseio nataliano, potenciador da liberdade e da libertação individual.

Na obra dramática, Natália Correia manteria a sua veia mais incisiva e crítica. Recordemos a obra *A Pécora* (1983), onde a autora nos dá conhecimento de uma subversiva mudança do paradigma religioso, ao transformar uma figura sagrada noutra profana, e vestal, a Melânia, que vem negar a história materialista e influenciadora que se denota, ainda nos nossos dias, no Santuário de Fátima.

Para além da obra poética, narrativa e dramática, que acabámos de destacar, a reflexão espiritual, filosófica e crítica que Natália Correia nos deixou, inédita ou editada em livros e muitos jornais diários, irá movimentar a sociedade portuguesa, configurando a importância da autora no mundo cultural do nosso país. Destacamos o jornal *A Capital*, onde a autora teria um espaço de opinião intitulado “Crónicas Vagantes”⁷, onde durante um ano expressaria a sua liberdade, sem tabus, num conjunto heterogéneo de textos, que versariam, sobretudo, sobre a mudança política que se instituiu em Portugal, terminando a sua participação, ironicamente, por um impedimento censório, em tempos de democracia (1976). Mas, apesar do cerceamento político que se pretendia fazer, Natália nunca perderia o seu vigor revolucionário, combativo. Como nos diz, Mário Soares: “[Natália Correia era uma] mulher de enorme sensibilidade, realista, solitária, solidária, empenhada numa profunda transformação social e cultural – naquela sociedade de futuro onde os poetas, os verdadeiros, teriam voz [...]” (*apud* Almeida, 1990, p. 7). De facto, era pretensão de Natália legar-nos os alicerces para a construção de um mundo novo, onde mulheres e homens pudessem viver de forma harmoniosa, com individualidade, sem preconceitos e em plenitude. Dirão vós, certamente, uma pura utopia! Seria a “Frátria ou a ocupação do mundo pelas rosas, o sonho da paz, a criação de um único Homem” (p. 34).

A obra literária e não literária de Natália Correia orienta-se em direção a um mundo de ecumenismo, onde sem preocupações religiosas concretas, a unidade espiritual se possa desenvolver. Esta ideia de espiritualidade perpassa um conjunto de estratégias, de traços literários, que convocam a estreiteza entre a realidade e a imaginação. Deste confronto saudável entre os elementos, atrás expressos, resulta a estética e a arte de Natália Correia, por essa razão, expressamos que *habemus Natália*, pois a originalidade da autora encontra-se no facto de potenciar um mundo progressivo, onde o regresso à representação edénica, projeta a construção de um espaço diferente, único e simultaneamente original.

Este espaço vivencial diferente de todos tem por intuito a criação do “Homem Novo”, onde “[O] encontro com o Espírito é a base necessária para inaugurar a

⁷ Natália Correia, *Não percas a rosa. Diário e algo mais (25 de abril de 1974 -20 de dezembro de 1975). Ó liberdade, brancura do relâmpago (Crónicas (15 de julho de 1974-22 de março de 1976).* Ângela Almeida (pesquisa e introdução). Vladimiro Nunes (Organização e notas). Ponto de Fuga, Lisboa, 2015. Ângela Almeida na Nota prévia refere-nos:

“[...]Nas *Crónicas*, o mais importante era] dar a perceber do que dar-se a perceber, como importava menos desvendar uma «via de sentido espiritual» do que apontar caminhos para uma libertação do homem. Ainda que o ponto de chegada seja o mesmo [do *Diário*]: um «social espiritualizado» que abra o «ciclo da identidade humana reencontrada» na «raiz comum do verdadeiro unificante» [...]. Num momento em que poucas vozes discordantes ousavam fazer-se ouvir, Natália Correia exerceu a coragem de não deixar os seus pergaminhos libertários por mãos alheias, recusando-se a enfeitá-los com rendilhados de boa consciência revolucionária [...]” (p. 421).

viagem interior e solitária para o reencontro do homem consigo próprio e com a sua origem mais antiga, onde matéria e Espírito, corpo e alma, feminino e masculino se fundem numa única existência. [...]” (p. 63).

Natália Correia não nega a religiosidade, ainda que não expresse diretamente a aceitação de uma ou outra religião, pois entende que todas são resultantes de uma mesma origem, pelo que não faz sentido falar em divergência e, sim, no seu oposto. Por esta razão, revelamos que Judaísmo, Hinduísmo, Cristianismo e outras religiões são alvo de estudo e projeção na obra literária de Natália Correia.

A escrita nataliana prefigura a harmonização dos elementos contrários, das partes não consonantes, com o intuito de aprofundar a margem de liberdade que homens e mulheres podem ter, numa recusa face à superioridade masculina. Natália Correia busca, essencialmente, exponenciar o homem sensível, que engloba sensibilidade feminina e virilidade masculina.

Estamos plenamente convictos que todos os modos literários, em que a obra literária éditada e inédita de Natália Correia se estende (Narrativo, Dramático e Lírico), convergem para a unidade de sentido. Nesta confluência resulta uma mostra “quase utópica”, em que se prevê a conceção, ainda que não expressa numa única obra, de um mundo novo, onde todos possam sentir-se livres e a salvação se configure.

Concluimos que o importante é acreditar na mudança e que, nas palavras da autora: “Urge encarregar a cultura da subjectivização das nossas virtualidades. É necessário que, sem demora ela se lance no labor de produzir valores identificantes. São estes a ligação da tríade que, indissolivelmente transforma a energia espiritual de um povo em energia prática”.

Referências bibliográficas

- A natalidade de Natália (1996, 10/11). *Jornal Público, Revista Pública*, 79.
- Almeida, Â. (1990). *Retrato de Natália*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Correia, N. (1956). Carta de Almada Negreiros para Natália Correia – NC 1843, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 27_5_56.
- Correia, N. (1972). Carta de Vitorino Nemésio para Natália Correia, NC 1848 – Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 14_10_1972.
- Correia, N. (S/d). Querido Mestre, NC 3147, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- Correia, N. (1977). Arquipélago e unidade na obra de Vitorino Nemésio, organizada, na Casa dos Açores, a 29 de junho de 1977, NC 5840, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- Correia, N. (2000). Manhã Cinzenta (Inéditos 1941-1947). *Poesia Completa* (p. 38). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Correia, N. (2015). *Não percas a rosa. Diário e algo mais (25 de abril de 1974 -20 de dezembro de 1975). Ó liberdade, brancura do relâmpago (Crónicas (15 de julho de 1974-22 de março de 1976). Ângela Almeida (pesquisa e introdução). Vladimiro Nunes (Organização e notas). Lisboa: Ponto de Fuga.*
- VV.AA. (2008). *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (pp. 9-10). (Seleção, prefácio e notas de Natália Correia). Lisboa: Antígona /Frenesi.

Resumo

Prevemos com o nosso trabalho demonstrar que a obra literária de Natália Correia se orienta em direção a um mundo de ecumenismo, onde sem preocupações religiosas concretas, a unidade espiritual se possa desenvolver. Esta ideia de espiritualidade perpassa um conjunto de estratégias, de traços literários, que convocam a estreiteza entre a realidade e a imaginação. Deste confronto saudável entre os elementos, atrás expressos, resulta a estética e a arte de Natália Correia, por essa razão, expressamos que *habemus Natália*, pois a originalidade da autora encontra-se no facto de potenciar um mundo progressivo, onde o regresso à representação edénica, projeta a construção de um espaço diferente, único e simultaneamente original. Natália Correia não nega a religiosidade, ainda que não expresse diretamente a aceitação de uma ou outra religião, pois entende que todas as são resultantes de uma mesma origem, pelo que não faz sentido falar em divergência e, sim, no seu oposto. Por esta razão, revelamos que Judaísmo, Hinduísmo, Cristianismo e outras religiões são alvo de estudo e projeção na obra literária de Natália Correia. Ilustraremos, no nosso trabalho o contacto reunitivo da autora com as várias religiões.

A escrita nataliana prefigura a harmonização dos elementos contrários, das partes não consonantes, com o intuito de aprofundar a margem de liberdade que homens e mulheres podem ter, numa recusa face à superioridade masculina. Natália Correia busca, essencialmente, exponenciar o homem sensível, que engloba sensibilidade feminina e virilidade masculina.

Revelamos como todos os modos literários, em que a obra literária édita e inédita de Natália Correia se estende (Narrativo, Dramático e Lírico), convergem para a unidade de sentido. Nesta confluência resulta uma mostra “quase utópica”, em que se prevê a conceção, ainda que não expressa numa única obra, de um mundo novo, onde todos possam sentir-se livres e a salvação se configure.

Abstract

We aim with our work to demonstrate that the literary work of Natália Correia is oriented towards a world of ecumenism, where, without concrete religious concerns, spiritual unity can develop. This idea of spirituality permeates a set of strategies, of literary traits, that summon the narrowness between reality and imagination. From this healthy confrontation between the elements, once expressed, results the aesthetics and the art of Natália Correia, for that reason, we express that *Habemus Natalia*, because the originality of the author lies in the fact of potentiating a progressive world, where the return to the edenic representation, projects the construction of a different space, unique and simultaneously original.

Natália Correia does not deny religiosity, even if she does not directly express the acceptance of one or other religion, since she understands that all are derived from the same origin, so it does not make sense to speak of divergence, but rather of its opposite. For this reason, we reveal that Judaism, Hinduism, Christianity and other religions are studied and projected in the literary work of Natália Correia. We will illustrate, in our work, the reuniting contact of the author with the various religions.

The natalian writing prefigures the harmonization of the opposing elements, of the non-consonant parts, with the intention of deepening the margin of freedom that men and women can have, in a refusal to the masculine superiority. Natália Correia seeks essentially to expose the sensitive man, which encompasses feminine sensibility and masculine virility.

We reveal how all the literary modes, in which Natalia Correia original and unpublished literary work extends (Narrative, Dramatic and Lyric), converge towards the unity of meaning. At this confluence there is an “almost utopian” exhibition, which provides for the conception, although not expressed in a single work, of a new world, where everyone can feel free and salvation is configured.